

**VIII ENANCIB – Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
28 a 31 de outubro de 2007 • Salvador • Bahia • Brasil**

GT 1 – Estudos Históricos e Epistemológicos da Informação
Comunicação oral

**DIVERSIDADE NA VISÃO DOS DOCENTES
DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO SOBRE SUA ÁREA**

***DIFFERENCES IN THE VISION OF TEACHERS OF THE INFORMATION
SCIENCE ABOUT THEIR AREA***

Carlos Alberto Ávila Araújo (PPGCI/UFMG, casal@eci.ufmg.br)

Resumo: Neste texto são discutidos e problematizados os resultados de duas pesquisas recentemente concluídas. A primeira delas consistiu de entrevistas realizadas com todos os professores da Escola de Ciência da Informação da UFMG. A segunda se deu por meio de questionários enviados por e-mail a professores de todas as faculdades brasileiras da área de Biblioteconomia e Ciência da Informação (CI). As questões colocadas foram: se a CI é uma ciência social; se a CI é uma ciência interdisciplinar; se a CI é uma ciência pós-moderna; e a natureza da relação entre a CI e a Biblioteconomia. Solicitou-se a cada entrevistado que justificasse sua resposta. Por fim, pediu-se a cada entrevistado que apontasse dez autores e dez obras da área de CI que ele julgasse relevantes. Os resultados evidenciaram uma grande diversidade, sobretudo nas justificativas apresentadas. Neste texto, são discutidos aspectos relacionados com essa diversidade a partir do estado do debate a respeito de cada um dos temas levantados.

Palavras-chave: Pesquisa em Ciência da Informação. Campo científico da Ciência da Informação. Estudos em Ciência da Informação. Epistemologia da Ciência da Informação.

Abstract: *In this text are discussed the results of two researches recently finished. The first consist in interviews with all the teachers of the School of Information Science at UFMG. The second was made through questionnaires sent by e-mail with teachers of all of the Brazilian universities Library and Information Science (IS). The subjects treated of the theme of the IS as: a social science; an interdisciplinary science; a post-modern science; and the nature of the relationship with the Librarianship. It was requested each interviewee that explain its answer. To proceed, it was requested each interviewee that indicated ten authors and ten works he/she to judge relevant in the area of IS. The results showed great differences, principally in the arguments. In this text, are discussed the aspects of these differences in relation with the state of art about each theme researched.*

Keywords: *Research in Information Science. Scientific Field of Information Science. Studies in Information Science. Epistemology of Information Science.*

O objetivo deste texto é discutir e problematizar os resultados de duas pesquisas recentemente concluídas. Essas duas pesquisas consistiram de enquetes realizadas com professores das áreas de Ciência da Informação (CI) e Biblioteconomia a respeito de algumas questões caracterizadoras da área de CI. A primeira enquete se deu na forma de entrevistas realizadas com todos os professores da Escola de Ciência da Informação da UFMG, num total de 31 entrevistados. A segunda consistiu de questionários enviados por internet aos professores de todas as faculdades de Biblioteconomia e CI do Brasil. Dos mais de 300 questionários enviados, foram respondidos também 31. A coleta de dados ocorreu nos meses de setembro a novembro de 2006, e os dados foram tabulados e analisados ao longo do primeiro semestre de 2007. Os resultados de cada pesquisa foram divulgados, separadamente, em dois congressos da área, no VII Cinform, em Salvador, no mês de abril, e no XXII CBBB, em Brasília, no mês de julho. A partir de questões levantadas nessas apresentações, particularmente relacionadas com a questão da diversidade de compreensões por parte dos professores entrevistados, é que nasceu a proposta do presente texto. Além disso, pretende-se, aqui, analisar em conjunto os dados encontrados nas duas pesquisas.

As duas enquetes realizadas fizeram parte das atividades da disciplina Teorias da Informação, do sexto período do curso de biblioteconomia da UFMG, sendo a primeira realizada pelos alunos do turno matutino e a segunda pelos alunos do noturno. Três voluntários de cada turma se ofereceram para, em 2007, tabular os dados e, em conjunto com o professor orientador, analisar os dados.

A primeira pesquisa, feita apenas com professores da UFMG, teve a possibilidade de contar com entrevistas realizadas face a face. Além disso, os dados foram analisados por grupos, considerando-se a inserção temática dos professores, que foram divididos conforme as linhas/grupos de pesquisa de que fazem parte. Já a segunda pesquisa, pela distância geográfica, precisou ser realizada com questionários enviados por e-mail, e os dados foram analisados também por grupos considerando-se as regiões geográficas do país.

As duas pesquisas versaram sobre questões vistas na disciplina, que representam temáticas normalmente associadas com caracterizações da área de CI. São elas: o fato de ser a CI uma ciência social; sua caracterização como uma ciência interdisciplinar; sua caracterização como uma ciência pós-moderna; a natureza de sua relação com a Biblioteconomia. Além disso, buscando uma maior clareza sobre os marcos definidores da área, solicitou-se a cada entrevistado que apontasse dez autores que ele julgasse relevantes na área de CI e, a seguir, que identificasse dez obras (livros, artigos, teses, trabalhos apresentados em congressos) também consideradas relevantes.

Todas as perguntas foram abertas. Pediu-se a cada professor que respondesse à pergunta proposta e apresentasse sua justificativa. As justificativas foram analisadas e comparadas, chegando-se à construção de algumas categorias que permitiram agrupar as respostas encontradas.

Na análise dos resultados de cada pesquisa, feita separadamente, foram comparadas as respostas dadas por cada grupo de professores (correspondentes à área de pesquisa ou à região geográfica). Neste texto, em que se busca comparar os resultados das duas pesquisas, não serão consideradas as variações encontradas entre os grupos – serão analisadas apenas as frequências totais de respostas em cada pesquisa.

A CI como ciência social

A primeira questão apresentada aos professores foi: “A CI é uma ciência social? Justifique sua resposta”. Essa é uma questão particularmente relevante para a caracterização da área. No contexto anglo-saxão (Estados Unidos e Inglaterra), é frequente a identificação da área de CI com a questão tecnológica, principalmente quando se aponta a origem da área com

os trabalhos de Vannevar Bush e seu núcleo central como sendo a recuperação automatizada da informação (OLIVEIRA, 2005; CAPURRO, 2003). No contexto europeu, principalmente na França e na Espanha, a CI é normalmente relacionada com a documentação e a biblioteconomia, destacando-se seu caráter humanístico e cultural (LE COADIC, 2004). Essa é a visão predominante, entre outros, na conceituação da Unesco, que influenciou diretamente a compreensão da área no Brasil, pelo menos por parte do CNPq, que a define institucionalmente como uma das ciências sociais aplicadas.

Assim, no Brasil, a CI é fortemente associada com a biblioteconomia (ela surge em faculdades de biblioteconomia, de uma forma geral) e, dessa forma, normalmente vinculada às ciências sociais aplicadas. Mas essa vinculação não é consensual entre os autores da área. Saracevic, por exemplo, não a reconhece (ROBREDO, 2003, p. 67-68). Para outros, como Cardoso, é na década de 1970, com o redirecionamento do enfoque da CI para o usuário, que a área se aproxima das ciências sociais (CARDOSO, 1996, P. 74). Já González de Gómez acredita que a CI desde sua origem “recebe das ciências sociais seu traço identificador” (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2000, p. 6). Conforme Capurro, a CI nasce com um paradigma físico, passando a conviver também, desde o final da década de 1970, com um paradigma cognitivo, surgindo um paradigma social apenas em meados da década de 1980, quando então sua natureza de ciência social pode ser visualizada de forma clara (CAPURRO, 2003).

Entre os vários autores que discutem os fundamentos e a metodologia científica, é recorrente a distinção entre as ciências naturais (exatas e biológicas) e as ciências humanas e sociais. Essa distinção se relaciona com diferentes agendas de pesquisa, métodos de trabalho, procedimentos analíticos e, de uma forma mais geral, com os próprios critérios de cientificidade (DEMO, 1989; ALVES, 1987). Assim, a definição de uma área como pertencente ou não ao ramo das ciências sociais possui profundas implicações na maneira como os vários trabalhos científicos produzidos serão julgados em termos de cientificidade e relevância (MINAYO, 2004).

Por esse motivo, questionou-se, nas duas pesquisas, os professores da área de CI, quanto à natureza de ciência social da CI. Os resultados são apresentados na TABELA 1:

TABELA 1 – JUSTIFICATIVAS DOS ENTREVISTADOS QUE DISSERAM SER A CI UMA CIÊNCIA SOCIAL

Categorias de respostas	UFMG		BRASIL		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%
A CI possui uma aplicação social	8	26,66	14	50	22	37,93
O objeto da CI é social	11	36,66	4	14,28	15	25,86
A CI usa métodos/teorias das ciências sociais	3	10	5	17,85	8	13,79
Toda ciência é social	2	6,66	2	7,14	4	6,89
Usuário é o foco central	4	13,33	-	-	4	6,89
Outros	2	6,66	3	10,71	5	8,62
Total.....	30	100	28	100	58	100

O primeiro dado a se destacar é o da quantidade de professores que identificam a CI como uma ciência social. No caso dos professores da UFMG, 30 (96,77%) deles responderam afirmativamente. No plano nacional, foram 28 (90,32%) professores que disseram tratar-se, a CI, de uma ciência social. Contudo, o aparente consenso não se confirma nas justificativas dadas pelos entrevistados, na medida em que eles acionam compreensões bastante diferentes para essa caracterização.

O tipo de justificativa que apresentou a maior frequência foi a de que a CI é social por possuir uma aplicação no plano social, isto é, por lidar com questões que estão associadas com a sociedade. De acordo com essa justificativa, não haveria uma particularidade específica da CI, intrínseca a ela, enquanto modalidade de conhecimento científico, que a caracterizasse como ciência social. Essa natureza se dá como consequência de sua produção: uma vez produzido o conhecimento sobre a informação, esse conhecimento se reverte num contexto que é social e humano e, portanto, por esse motivo, a CI seria uma ciência social. Essa resposta foi a segunda mais frequente entre os professores da UFMG (oito respostas, perfazendo 26,66% das respostas “sim”) e a primeira entre os professores do resto do país (com 14 respostas, equivalente a 50% dos que responderam tratar-se de uma ciência social).

A segunda justificativa mais recorrente define a CI como ciência social pelo seu objeto: ela é uma ciência social porque seu objeto, a informação, é um fenômeno humano e social. Essa é uma compreensão que leva em conta uma caracterização comum das ciências no âmbito da epistemologia científica, em que cada disciplina se distingue a partir de seu objeto, podendo ser esse objeto material (tal como existente na realidade) ou formal (tal como construído por determinada ciência ou disciplina). A natureza do objeto, nessa argumentação, definiria a natureza da ciência “responsável” por seu estudo.

A justificativa seguinte caminha na mesma lógica da anterior, mas considerando um aspecto diferente. Para os oito professores que apresentaram essa argumentação (três da UFMG e cinco do restante do país), a CI é uma ciência social por utilizar-se de teorias, métodos e modelos das ciências humanas e sociais. Essa resposta identifica a existência de uma particularidade no âmbito do conhecimento científico (as ciências sociais têm características específicas e distintas das outras ciências), e a partir disso, das características de uma forma de conhecimento científico, busca classificá-lo.

Outras duas categorias de respostas apresentaram frequências significativas. Para quatro entrevistados (dois da UFMG e dois do restante do país, perfazendo 6,89% de todas as respostas afirmativas à questão nas duas pesquisas), toda ciência é social, e, por este motivo, a CI seria uma ciência social. Para outros quatro (todos da UFMG), é o fato de o foco da CI ser o usuário que a caracterizaria como uma ciência social. Por fim, cinco outros professores apresentaram justificativas que não puderam ser encaixadas nas categorias anteriores.

A CI como ciência interdisciplinar

A segunda questão apresentada aos professores foi: “A CI é uma ciência interdisciplinar? Justifique sua resposta”. Desde as primeiras definições de CI, ainda na década de 1960, o termo “interdisciplinar” mostrou-se presente – como no caso das conferências no Georgia Institute of Technology em 1961 e 1962 e na definição “clássica” de Borko, de 1968 (ROBREDO, 2003, p. 55-56), mantendo essa presença em definições atuais (como, por exemplo, a do CNPq). Para vários autores, como Saracevic, faz parte da natureza da CI ser uma ciência interdisciplinar (ROBREDO, 2003, p. 63).

A problemática da interdisciplinaridade foi colocada no âmbito do conhecimento científico ainda no início do século XX, como parte de um amplo programa de “mutação epistemológica na forma de geração, organização e difusão do conhecimento (DOMINGUES, 2001, p. 07) em reação à superespecialização do conhecimento e como uma tentativa de reaproximação e fusão das diferentes áreas e disciplinas científicas. As primeiras iniciativas se deram, entre outros, com os trabalhos da Escola dos Annales, na França, com Piaget, na Suíça, e no âmbito das pesquisas espaciais no MIT, nos Estados Unidos, após o sucesso do lançamento do Sputnik pela URSS em 1957 (SILVA, 2001; JAPIASSU, 1976).

A origem da discussão da interdisciplinaridade está relacionada com a superação das fronteiras disciplinares, mas a maneira como se dá essa superação tornou-se objeto de muita discussão, resultando na criação de termos como multidisciplinaridade, pluridisciplinaridade e

mesmo transdisciplinaridade (JAPIASSU, 1976). Entre as várias questões trabalhadas pelos pesquisadores que se dedicaram a essa problemática, destaca-se a compreensão de que a interdisciplinaridade pressupõe não apenas uma justaposição de disciplinas, um compartilhamento de conceitos, teorias ou métodos entre diferentes disciplinas, mas sim um compartilhamento mútuo, recíproco, entre essas disciplinas, com uma conseqüente fertilização para cada uma delas. Nos casos em que houvesse apenas a justaposição de disciplinas, haveria apenas multi ou pluridisciplinaridade e, quando se tratasse da predominância de uma disciplina sobre as demais, ter-se-ia um caso de interdisciplinaridade cruzada. Multi, pluri, inter e transdisciplinaridade envolvem-se, pois, com a ocorrência de diferentes níveis de integração entre disciplinas científicas.

Considerando-se a importância dessa discussão no âmbito da ciência como um todo, e a grande incidência do termo nas definições de CI, propôs-se então aos professores que se posicionassem sobre a questão. Os resultados são apresentados na TABELA 2, a seguir:

TABELA 2 – JUSTIFICATIVAS DOS ENTREVISTADOS QUE DISSERAM SER A CI UMA CIÊNCIA INTERDISCIPLINAR

Categorias de respostas	UFMG		BRASIL		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%
A CI recebe contribuições de outras áreas	12	41,37	8	29,62	20	35,71
A CI necessita da contribuição de outras áreas	4	13,79	9	33,33	13	23,21
A CI realiza um diálogo com outras áreas	8	27,58	2	7,40	10	17,85
Outras áreas precisam da CI	-	-	5	18,51	5	8,92
A CI já nasceu interdisciplinar	3	10,34	-	-	3	5,35
Outros	2	6,89	3	11,11	5	8,92
Total.....	29	100	27	100	56	100

Inicialmente, destaca-se o fato de que 56 professores acreditam que a CI é uma ciência interdisciplinar, o que equivale a 90,32% do total. Na UFMG foram 29 professores (93,54%) e no restante do país 27 professores (87,09%). Também neste caso pode-se dizer que houve uma concordância apenas aparente, já que as justificativas dadas pelos professores evidenciaram significativas disparidades.

A categoria de justificativa com maior ocorrência é a que argumenta que a CI é interdisciplinar por receber contribuições de outras áreas, se apropriando de conceitos, práticas, métodos, pesquisas, teorias ou produtos oriundos de diferentes disciplinas científicas. Segundo essa concepção, o movimento da CI de apropriar-se de elementos de outras disciplinas é suficiente para caracterizá-la como interdisciplinar.

A segunda justificativa mais freqüente é bastante semelhante à primeira, mas vai mais além, por trazer a idéia de que a CI necessita obrigatoriamente da contribuição de outras disciplinas científicas para lidar com seus problemas de pesquisa e compreender seu objeto de estudo. De acordo com essa concepção, a CI não sobreviveria se não mantivesse um relacionamento com outras áreas. A natureza interdisciplinar do campo se dá, sim, pela apropriação de contribuições de outras áreas, mas, nessa visão, é a existência desse movimento que garante a existência mesma da CI – o que pode explicar a incidência tão significativa do termo “interdisciplinaridade” como definidor da área.

Um terceiro conjunto de respostas se aproxima mais do conceito de interdisciplinaridade tal como desenvolvido pelos teóricos que se debruçam sobre a questão. Na visão dos dez professores que argumentaram nesse sentido (oito da UFMG e dois do restante do país), a CI é interdisciplinar porque promove um diálogo com outras áreas,

havendo, nesse caso, uma integração mútua de contribuições (conceitos, teorias, métodos). Para esses professores, para que haja interdisciplinaridade é preciso mais do que apenas a apropriação, por parte da CI, de elementos de outras disciplinas – e, na visão deles, esse elemento a mais (a contribuição mútua) estaria acontecendo.

Para outros cinco professores (todos do restante do país), é o fato de outras ciências precisarem da CI (de seus trabalhos de catalogação, classificação, indexação, produção de indicadores, disseminação) que permite caracterizar esta como uma ciência interdisciplinar. Conforme essa avaliação, não são características intrínsecas ao campo da CI que a fazem interdisciplinar, mas fatos e fenômenos externos a ela.

Três professores, todos da UFMG, apresentaram um tipo de resposta que, embora pudesse se encaixar numa das categorias anteriores, apresentou uma particularidade. Para estes, a CI já nasceu interdisciplinar – essa caracterização faria parte de sua própria constituição.

Outros cinco professores (8,92% do que responderam “sim”) apontaram justificativas diferenciadas para caracterizar a CI como uma ciência social. Cabe destacar, ainda, que seis outros professores (equivalente a 9,67% do total de entrevistados), dois da UFMG e quatro do restante do país, responderam “não” a essa questão. As argumentações, de forma geral, avaliaram que a CI possui de fato um discurso de interdisciplinaridade, mas que, na prática, ela não consegue atingir esse objetivo.

A CI como ciência pós-moderna

A terceira questão apresentada aos professores foi: “A CI é uma ciência pós-moderna? Justifique sua resposta”. Essa é uma discussão que foi colocada para a CI no início da década de 1990 por Wersig (WERSIG, 1993) e, desde então, foi sendo contemplada por diferentes teóricos no esforço de definir a área e, sobretudo, para compreender suas fragilidades teóricas e conceituais, quando comparada com outras disciplinas científicas consideradas consolidadas e consistentes.

O debate sobre a existência de uma “pós-modernidade” surgiu nos campos científico, filosófico, artístico e intelectual na segunda metade do século XX, manifestando-se de formas diferenciadas. Sua caracterização como uma nova era na história da humanidade tem como um dos marcos fundamentais a obra de Lyotard, de 1979, sendo desenvolvida por diversos outros teóricos posteriormente. De forma geral, muitos concordam com o surgimento de diversos elementos divergentes do momento cultural da modernidade, tais como a queda das metanarrativas, a pulverização do poder, o presenteísmo e o reencantamento do mundo. Na visão de alguns, como Harvey, Lévy e Maffesoli, trata-se de um novo momento histórico, a pós-modernidade; e seu surgimento marca transformações positivas para a humanidade (HARVEY, 1994; MAFFESOLI, 1984). Para outros, como Baudrillard e Vattimo, também estamos na pós-modernidade, mas tal fato representa um conjunto de elementos negativos em relação à modernidade (BAUDRILLARD, 1993). Por fim, para outros ainda, como Habermas e Giddens, os sinais contemporâneos não indicariam um afastamento da modernidade, mas sim o acirramento do processo de sua consolidação (GIDDENS, 1991).

Independentemente dos rumos desse debate, instaurou-se, no âmbito específico da ciência, uma discussão a respeito de um tipo diferente de ciência, uma ciência pós-moderna, que teria características distintas das ciências surgidas no início da modernidade. Autores como Boaventura Santos, Morin, Capra e Demo vêm trabalhando nessa direção, buscando definir as características desse tipo de ciência. Seu surgimento se daria tanto no esgotamento das condições teóricas da ciência moderna - a idéia de neutralidade, de um ideal matemático, da possibilidade de previsibilidade dos fenômenos, entre outras - quanto por condições sociais - a subserviência da ciência ao poder político e militar, a construção de tecnologias da destruição, a crise ecológica (SANTOS, 1996).

Wersig trouxe essa discussão para o âmbito da CI como forma de propor um novo rumo para essa ciência. Em oposição àqueles que freqüentemente se decepcionam com o fraco estatuto científico da área, o autor responde que a CI não precisaria se construir como uma ciência tal como as ciências modernas, por ser uma ciência pós-moderna. No Brasil, o trabalho de Wersig não foi traduzido, mas foi comentado por diversos pesquisadores (SILVA, 1999; CARDOSO, 1996; ARAÚJO, 2003), o que resultou numa relativa disseminação de suas idéias. Assim, as duas pesquisas incluíram uma questão sobre a pós-modernidade, e os resultados estão expostos na TABELA 3:

TABELA 3 – JUSTIFICATIVAS DOS ENTREVISTADOS PARA A CARACTERIZAÇÃO OU NÃO DA CI COMO CIÊNCIA PÓS-MODERNA

Tipo de resposta	Categorias de respostas	UFMG		BRASIL		TOTAL	
		N	%	N	%	N	%
Entrevista dos que responderam “sim”	CI possui características da pós-mod.	6	42,85	7	35	13	38,23
	CI é um tipo diferente de ciência	5	35,71	5	25	10	29,41
	CI nasce no momento da pós-mod.	-	-	5	25	5	14,70
	Paradoxo	-	-	3	15	3	8,82
	CI é interdisciplinar	2	14,28	-	-	2	5,88
	Outros	1	7,14	-	-	1	2,94
	Total de respostas “sim”	14	100	20	100	34	100
Entrevista dos que responderam “não”	Não estamos na pós-modernidade	5	50	3	37,5	8	44,44
	CI é anterior à pós-modernidade	4	40	1	12,5	5	27,77
	Ausência de fundamentos da pós-m.	-	-	3	37,5	3	16,66
	Outros	1	10	1	12,5	2	11,11
	Total de respostas “não”	10	100	8	100	18	100

Essa questão apresentou o maior grau de discordância em toda a pesquisa. Primeiro, em relação às respostas dadas: para 34 professores (54,83% do total de entrevistados) a CI é uma ciência pós-moderna; para outros 18 (29,03%) ela não o é. Dez professores não se manifestaram sobre a questão – alguns simplesmente não responderam e outros deram respostas não conclusivas.

A segunda discordância se relaciona com o fato de ter ocorrido uma diferença significativa entre as respostas dos professores da UFMG e as do restante do país. Na UFMG, a resposta “sim” atingiu 45,16% (14 professores), enquanto no restante do país esse valor foi de apenas 32,25% (10 professores). Além disso, sete professores da UFMG (22,58%) não responderam – no resto do país foram apenas três (9,67%).

Analisando-se as justificativas dadas, percebe-se que, para a resposta “sim”, a argumentação mais recorrente é a de que a CI possui, entre seus elementos constituintes, características do momento histórico da pós-modernidade. Nesse caso, o termo de comparação utilizado pelos professores são as características culturais do momento histórico da pós-modernidade, como, por exemplo, o fato de ser esse momento caracterizado como uma “sociedade da informação” ou “sociedade do conhecimento”. Essa justificativa foi dada por 13 professores (seis da UFMG e sete do restante do país), o que equivale a 38,23% das respostas “sim”.

O segundo tipo de resposta afirmativa para a questão proposta é a que mais se aproxima da argumentação de Wersig – sendo que vários professores citaram o pesquisador alemão. Para os dez professores que responderam nessa linha (cinco na UFMG e cinco no

restante do país), a CI é pós-moderna por se constituir num tipo diferente de conhecimento científico, com características específicas e diversas das ciências modernas, voltadas para a resolução de problemas causados justamente pelas ciências modernas.

Para outros cinco professores (todos do restante do país), a CI é pós-moderna simplesmente por ter nascido no momento histórico da pós-modernidade. Não são, assim, suas características próprias que a definem como ciência pós-moderna, mas apenas o momento de seu nascimento. Conforme ainda outros três professores do restante do país, a CI é pós-moderna e tal fato constitui um paradoxo: ela lida com um objeto antigo (a informação), porém com ferramentas pós-modernas (sobretudo as tecnologias digitais). E ainda dois professores, ambos da UFMG, destacaram que a CI é pós-moderna por ser interdisciplinar.

Já entre os que responderam que a CI não é uma ciência pós-moderna, a principal categoria de respostas é a que agrupa aqueles que não acreditam na existência da pós-modernidade, isto é, que acreditam que ainda estamos na modernidade – sendo a pós-modernidade apenas um rótulo, um modismo, um termo inadequado. Oito foram os professores que apresentaram justificativas como essa (cinco da UFMG e três do restante do país), perfazendo 44,44% das respostas “não”.

O segundo tipo de argumento utilizado defende que a CI tem origem num momento histórico anterior à pós-modernidade (no caso, ainda como biblioteconomia ou documentação) e que defini-la como pós-moderna seria negar todo o trabalho realizado até então. Uma outra argumentação presente é a de que não há fundamentos conceituais suficientemente evidentes na pós-modernidade para que se possa definir uma ciência como pós-moderna. Neste caso, não se nega a existência da pós-modernidade, mas apenas sua potencialidade para se constituir como elemento definidor de algo – no caso, de uma ciência. Houve ainda duas respostas que não se encaixaram nas categorias anteriores.

A relação entre a CI e a Biblioteconomia

A pergunta seguinte foi “Qual a natureza da relação entre a CI e a biblioteconomia?”. A presença dessa pergunta se relaciona com o fato de haver uma forte correlação entre essas duas áreas na visão de diversos pesquisadores. De fato, para alguns, a Biblioteconomia teria sido uma disciplina pioneira no trabalho com a informação, vindo depois a CI se juntar à tarefa (LE COADIC, 2004, p. 12). Tanto a Biblioteconomia como a Documentação são muitas vezes vistas como precursoras da área de CI (SILVA; RIBEIRO, 2002). Para outros, na verdade existiria um campo único denominado “biblioteconomia e ciência da informação” (DIAS, 2000).

Contudo, na visão de outros pesquisadores do campo, há diferenças significativas entre as duas áreas, apesar de haver um campo comum e de estabelecerem relações de colaboração (SARACEVIC, 1996, p. 49). Miksa chega mesmo a propor que ambas são guiadas por paradigmas distintos (MIKSA, 1992), posição também adotada por pesquisadores brasileiros (OLIVEIRA, 2005). A polêmica em torno da questão é tamanha que Smith, em 1998, chegou a afirmar que “a relação entre biblioteconomia e ciência da informação é um dos problemas intelectuais mais complexos que a educação em ciência da informação e biblioteca enfrenta” (ROBREDO, 2003, p. 68-69).

Considerando-se todas essas discussões é que se propôs uma pergunta de forma aberta para essa questão, no lugar de uma afirmativa em que os entrevistados pudessem dizer “sim” ou “não”. Cada entrevistado foi solicitado a apontar um tipo de relacionamento entre as duas áreas. As respostas dadas foram, como nas questões anteriores, agrupadas em categorias, cujas frequências são apresentadas na TABELA 4:

TABELA 4 – CARACTERIZAÇÕES DO RELACIONAMENTO ENTRE A CI E A BIBLIOTECONOMIA PELOS ENTREVISTADOS

Categorias de respostas	UFMG		BRASIL		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%
CI é mais ampla e Bibliotecon. é um subcampo	10	32,25	7	22,58	17	27,41
CI é extensão da Biblioteconomia	6	19,35	7	22,58	13	20,96
CI é teórica e Biblioteconomia é prática	4	12,90	6	19,35	10	16,12
Campos distintos com elementos em comum	3	9,67	6	19,35	9	14,51
Não definiram/assunto polêmico	4	12,90	4	12,90	8	12,90
Áreas convergentes	4	12,90	-	-	4	6,45
Áreas em conflito	-	-	1	3,22	1	1,61
Total.....	31	100	31	100	62	100

Em relação a essa questão, houve cinco categorias de respostas que alcançaram freqüências significativas. A mais recorrente é a que identifica a existência de uma relação todo/parte entre a CI e a biblioteconomia: a CI é um campo mais amplo, englobando a biblioteconomia, que seria um subcampo daquela. Foram 17 os professores que apresentaram essa argumentação (27,41% do total), dos quais dez da UFMG e sete do restante do país.

A segunda categoria de respostas mais freqüente traz a idéia de que a CI é uma extensão da biblioteconomia, isto é, ela se desenvolve a partir das questões trabalhadas originalmente pela biblioteconomia. Essa foi, junto com a primeira, a que alcançou maior freqüência entre os professores do restante do país (sete professores), porém, atingiu um valor menor entre os professores da UFMG (apenas seis), manifestando-se, no total, nas respostas de 13 professores (20,96%).

A terceira categoria possui semelhança com a primeira, mas com um nível de particularidade. Na visão dos professores cujas respostas foram agrupadas nessa categoria, a CI seria um campo teórico (um campo de pesquisas) e a biblioteconomia um campo prático (voltado para a técnica e para a dimensão profissional). Destacou-se, nessas respostas, a idéia de complementaridade entre as duas. Dez professores (quatro na UFMG e seis no restante do país), o que equivale a 16,12%, apresentaram essa argumentação.

Outros oito professores (quatro em cada uma das pesquisas realizadas) optaram por não responder a essa questão ou não tomar partido, sendo que alguns deles destacaram o fato de tratar-se de uma questão polêmica. Dois outros tipos de respostas ainda ocorreram: aqueles que vêem as duas áreas como áreas convergentes (quatro professores, todos da UFMG) ou como áreas em conflito (apenas um professor).

Os autores relevantes da CI

Após a realização das quatro perguntas, pediu-se a cada professor que apontasse dez autores que ele considerasse relevantes no campo da CI. Não foi dada qualquer orientação quanto ao critério de seleção desses autores. De uma forma geral, os professores apenas listaram, então, alguns nomes, mas alguns chegaram a levantar questionamentos tais como: os autores a serem listados deveriam ser nacionais ou estrangeiros? Clássicos ou contemporâneos? De toda a área da CI ou poderiam ser de áreas específicas?

A inclusão desta solicitação nas duas pesquisas realizadas tem relação direta com a necessidade mesma de identificação de autores relevantes, que constituem um critério essencial para a consolidação de uma área. Manuais, tratados e enciclopédias dedicadas a disciplinas científicas específicas (tais como Sociologia, Psicologia, Economia, entre outras) sempre dedicam parte considerável de seu conteúdo à identificação dos “pais” destas

disciplinas, ao relato de biografias de autores considerados essenciais, à identificação de escolas e correntes de pesquisas, bem como à apresentação de expoentes contemporâneos. Afinal, uma disciplina científica é construída por pesquisadores concretos (GRESSLER, 2003; ALFONSO-GOLDFARB, 1994). Parte dos resultados da consulta aos professores a respeito dos autores mais relevantes da área de CI (apenas os 13 mais citados) são apresentados na TABELA 5:

TABELA 5 – AUTORES MAIS CITADOS COMO RELEVANTES NA CI

Autores	UFMG		BRASIL		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%
Saracevic	12	38,70	14	45,16	26	41,93
Le Coadic	10	32,25	8	25,80	18	29,03
Shera	9	29,03	8	25,80	17	27,41
Lancaster	7	22,58	10	32,25	17	27,41
Barreto	6	19,35	9	29,03	15	24,19
Capurro	6	19,35	8	25,80	14	22,58
Borko	5	16,12	9	29,03	14	22,58
Wersig	6	19,35	7	22,58	13	20,96
González de Gómez	7	22,58	5	16,12	12	19,35
Choo	10	32,25	2	6,45	12	19,35
Pinheiro	2	6,45	9	29,03	11	17,74
Hjorland	5	16,12	5	16,12	10	16,12
Buckland	6	19,35	3	9,67	9	14,51
Total de citações a todos os autores.....	234	-	311	-	545	-

A primeira constatação mais evidente diz respeito à imensa dispersão dos autores citados. Não houve sequer um autor que tenha sido citado como um dos dez autores relevantes por todos os professores entrevistados. Quem mais se aproximou disso foi Saracevic, mas que não chegou a ser citado sequer por metade dos entrevistados – doze professores da UFMG (38,70%) e 14 do restante do país (45,16%) o apontaram como um autor relevante da área.

A quantidade de autores citados foi muito grande. Os 31 professores da UFMG apontaram um total de 107 autores, 62 deles com apenas uma citação. Já os 31 professores do restante do país identificaram mais autores ainda, 137, dos quais 81 com apenas uma citação. Apesar disso, houve uma concentração maior de citações neste segundo grupo, em que apareceram 20 autores com mais de quatro citações – no caso da UFMG foram apenas 15.

Houve uma significativa proximidade em relação à maior parte dos autores mais citados pelos professores da UFMG e do restante do país. Além de Saracevic, que foi o mais citado pelos dois grupos, destacaram-se Le Coadic (segundo mais citado na UFMG e sexto no restante do país), Lancaster (respectivamente quinto e segundo), Shera (quarto e sexto), Barreto (sétimo e terceiro), Capurro (oitavo e nono) e Borko (décimo primeiro e terceiro). Alguns autores, contudo, obtiveram alta frequência junto a um dos grupos e baixíssima junto ao outro, como é o caso de Choo (o segundo mais citado pelos professores da UFMG e com apenas duas citações entre os professores do restante do país) e Pinheiro (a terceira mais citada pelos professores do restante do país, mas que recebeu apenas duas citações na UFMG). Alguns autores que atingiram frequência significativa entre os professores do restante do país, como Miranda, Robredo, Meadows e Rowley, sequer foram citados pelos professores da UFMG.

Tal fato, aliás, é reflexo ainda de outra questão. No caso dos professores da UFMG, 13 dos 15 autores citados são estrangeiros – apenas dois autores são nacionais, considerando-se aqui autores que atuam no Brasil (não necessariamente nascidos no país). Entre os professores do restante do país, dos 15 autores mais citados apenas nove são estrangeiros.

As obras relevantes da CI

Por fim, pediu-se a cada professor que indicasse dez obras, entre livros, artigos de periódicos, teses ou trabalhos apresentados em congressos, que ele considerasse relevantes no campo da CI. O objetivo desta pergunta foi de complementar a anterior, mapeando com mais detalhes o campo da CI conforme a visão dos professores entrevistados. Afinal, uma disciplina científica também é construída a partir dos trabalhos científicos apresentados e publicados – é a partir deles que uma ciência ganha materialidade; são os produtos que permitem o surgimento do debate, a consolidação e evolução dos conhecimentos, o estabelecimento de conceitos e teorias (OMNÉS, 1996; ROSSI, 2001).

Alguns professores não chegaram a apresentar as dez obras solicitadas. Foram significativos os casos de serem listadas apenas duas ou três. O resultado foi que a soma das obras citadas ficou aquém do esperado. No caso da pesquisa na UFMG, em que 31 professores foram entrevistados, o limite era de 310 obras, mas foram listadas apenas 153 citações a obras. Já na pesquisa com os professores do restante do país, em que poderia se esperar também 310 citações (pois responderam ao questionário 31 professores), registrou-se 239 citações a obras.

Esta foi a questão em que mais se manifestaram diferenças entre as respostas dos dois conjuntos de professores. Caso se considere as dez obras mais citadas por cada conjunto de professores, apenas uma obra consta das duas listagens – justamente o livro de Le Coadic, que foi o segundo mais citado pelos professores do restante do país. Os demais nove livros citados por cada grupo diferenciam-se entre si. A TABELA 6, a seguir, apresenta as cinco obras mais citadas no somatório geral, todas elas citadas por professores dos dois grupos. Quase todas as demais foram citadas apenas em uma das pesquisas realizadas.

TABELA 6 – OBRAS MAIS CITADAS COMO RELEVANTES NA CI

Obras	UFMG		BRASIL		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%
A ciência da informação, de Le Coadic	7	22,58	7	22,58	14	22,58
Ciência da informação: origem, evolução e relações, de Saracevic	2	6,45	10	32,25	12	19,35
Information science: the study of the postmodern knowledge usage, de Wersig	2	6,45	7	22,58	9	14,51
Information science: what is it?, de Borko	2	6,45	6	19,35	8	12,90
A organização do conhecimento, de Choo	5	16,12	2	6,45	7	11,29
Total de citações a todas as obras.....	153	-	239	-	392	-

É possível perceber ainda uma identificação grande entre as obras mais citadas e os autores mais citados, sendo que Saracevic e Wersig tiveram ainda outros trabalhos citados. Também nesta pergunta observou-se uma grande dispersão – aliás, muito maior do que no caso dos autores. Entre os professores da UFMG, foram 91 obras que receberam apenas uma citação e 13 que alcançaram duas citações. Apenas nove obras chegaram a receber três ou mais citações. A mais citada, o livro “A ciência da informação”, de Le Coadic, foi indicada por sete professores.

Já entre os professores do restante do país houve uma concentração um pouco maior. Foram 137 obras com apenas uma citação e 19 obras com duas. Contudo, chegou-se a 13 obras com três ou mais citações. A obra mais citada foi o artigo de Saracevic “Ciência da informação: origem, evolução e relações”.

A questão da diversidade

Nos vários momentos em que os resultados das duas pesquisas aqui analisadas foram apresentados e debatidos, diversas questões foram levantadas, mas uma delas sempre acabou ganhando um maior destaque: a diversidade de respostas encontradas, o baixo grau de consenso da área em relação a seus elementos definidores: suas características, sua natureza, seus autores e obras relevantes. E essa diversidade pode ser problematizada em termos de seu significado para a área.

Em relação ao fato de ser a CI uma ciência social, a falta de consenso evidenciada pelas justificativas diversas possui diferentes razões e matizes. Por um lado, a área é composta por professores com origens diversificadas em termos de formação acadêmica – há diversos professores graduados em áreas distintas como comunicação, sociologia, pedagogia, administração, psicologia. E, inclusive, em engenharia, computação, matemática – áreas que não pertencem às ciências humanas e sociais. Sabe-se, em relação à CI, que grande parte dos pesquisadores são provenientes de outras áreas – em 1999, 45,5% dos pesquisadores da área tinham titulação de outra área que não a CI, e esse número caiu ligeiramente, para 43,7%, em 2006 (NORONHA; FUJINO, 2006, p. 3).

Além disso, a compreensão do que significa ser uma ciência social não é algo estável. Ao contrário, ainda existe intenso debate acerca da especificidade das ciências sociais (LALLEMENT, 2004; MINAYO, 2004). Na visão de alguns pesquisadores do campo, como por exemplo os positivistas, o que diferencia as ciências sociais é apenas o objeto (o objeto são fenômenos humanos e sociais, distintos dos biológicos e físicos). Para estes, os métodos e o tipo de conhecimento produzido é da mesma natureza das demais ciências. Nesse sentido, não faz exatamente muita diferença uma ciência ser social. Para outros, contudo, a natureza dos métodos, das explicações, dos critérios de verdade e validade das ciências sociais são particulares e muito específicos. Para Geertz, por exemplo, as ciências sociais devem se constituir “não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado” (GEERTZ, 1989, p. 4).

Dessa forma, as diversidades encontradas em relação a essa questão precisam ser confrontadas com essa origem variada dos pesquisadores do campo e também com a natureza ainda incerta do debate sobre a real natureza das ciências sociais. É possível perceber, por parte de muitos professores, uma reflexão sobre o real significado desse fato, enquanto, para outros, a inserção da CI no âmbito das ciências sociais parece ser algo dado como natural, sobretudo por haver a institucionalização por parte das agências que regulam a atividade científica no país.

No que tange à questão da interdisciplinaridade, pode-se argumentar o mesmo ponto. Por um lado, o discurso da interdisciplinaridade legitima a presença de professores com formações tão diversas atuando na área de CI. Mais do que isso, ele parece atuar como uma espécie de elemento explicativo para esse fato. Junte-se a isso as primeiras definições de CI, na década de 1960, que se converteram em “clássicas” e passaram a ser aceitas sem grandes questionamentos, naturalizando-se. Alguns professores problematizaram o fato de ser a CI uma ciência interdisciplinar avaliando a qualidade e natureza do diálogo feito pela CI junto a outras disciplinas. Para outros, apenas a convivência com outras áreas (muitas vezes resultando em meras justaposições ou apropriações unilaterais de idéias) basta para a caracterização da interdisciplinaridade. Continua sendo, contudo, um debate aberto, na medida em que outras disciplinas também se definem como interdisciplinares (como, por

exemplo, as ciências cognitivas, a engenharia de produção) e que as universidades e centros de pesquisas discutem projetos de implementação de práticas de inter e mesmo transdisciplinaridade.

A temática da pós-modernidade foi a que evidenciou uma discordância maior. Mas tal fato não indica uma dubiedade de compreensões sobre a CI. Antes, é reflexo da fragilidade da própria idéia de pós-modernidade, que, se tem origem ainda nos anos 1960, com apogeu em meados de 1980, vem diminuindo sua presença nos debates na presente década. O discurso dos professores entrevistados evidenciou que vários deles desconhecem a temática. Contudo, vários outros apresentaram argumentos consistentes, demonstrando uma reflexão prévia sobre a questão, e isso tanto de um lado (o “sim”) quanto de outro (o “não”). Isso mostra que não se trata de pensar que um dos lados da questão estivesse devidamente embasado, com argumentos sólidos, e o outro não – antes, espelha o estado nebuloso da questão nos meios intelectuais.

A questão da origem acadêmica dos professores também tem relação íntima com as caracterizações dadas para a relação entre a CI e a Biblioteconomia. Naturalmente que muitos não bibliotecários tendem a minimizar a importância da Biblioteconomia, alguns a identificando como algo ultrapassado ou em extinção. De outro lado, alguns dos professores formados em Biblioteconomia tenderam a minimizar o valor da CI – houve o caso até de uma professora que se recusou a responder ao questionário por achar que “ciência da informação é apenas um jogo de palavras”.

Mas os resultados apontam para questões que vão além, com bibliotecários valorizando a CI e não bibliotecários exaltando a Biblioteconomia. Os argumentos são diversos e, dentro de uma mesma categoria, é possível identificar controvérsias: quem entende uma área como o campo amplo e a outra como subcampo pode tanto pensar numa perspectiva de integração como de superioridade e inferioridade. Os que argumentaram na linha da extensão (CI extensão da Biblioteconomia) deram tanto a idéia de uma soma (contribuição), quanto de superação, em que uma toma o lugar da outra.

A indicação dos autores também apresentou nuances curiosas. Constituiria um exercício interessante confrontar os autores citados com aqueles efetivamente utilizados pelos professores em suas pesquisas. Afinal, foi possível perceber que muitos professores preferiram indicar autores que lidam com questões epistemológicas da CI do que aqueles que trabalham com temáticas mais específicas (como a gestão do conhecimento, ação cultural, bibliometria). É comum ver trabalhos da área de CI embasados em autores de outras áreas, em que se recorre a autores “da CI” (como Saracevic, Le Coadic, Shera) apenas como forma de “inserir o trabalho na CI”. Ao que parece, isso acabou acontecendo um pouco nas entrevistas também, e a escassez de obras listadas na questão seguinte mostra-se como uma evidência desse fato.

A diversidade encontrada nas duas pesquisas realizadas, portanto, não é necessariamente sinônimo de fragilidade ou limitação. Antes, pode ser pensada como potência, como possibilidade de abertura, de novas leituras, como um “pluralismo explicativo que de modo algum é prejudicial à sua validade epistemológica” (LALLEMENT, 2004, p. 11), como acontece também com outras disciplinas científicas, sobretudo com aquelas ainda muito recentes.

Considerações finais

Muitas pesquisas não esgotam as possibilidades de reflexão logo nas primeiras divulgações. Com certeza, esta é a situação das duas pesquisas realizadas com os professores brasileiros de Biblioteconomia e CI. O conjunto de respostas dadas pelos professores e seus argumentos ainda podem ser analisados em confronto com seus currículos, correlacionados com suas áreas de interesses, analisados à luz da literatura do campo de CI. Diversas

justificativas poderiam ser alvo de uma análise mais rica caso fossem confrontadas com os autores e obras indicadas como relevantes pelos mesmos professores. Na verdade, as duas enquetes ainda merecem novos espaços de discussões, na medida em que os dados coletados são altamente instigantes. Este texto procurou dar um passo a mais nessa direção.

Nesse sentido, a comparação dos resultados das duas pesquisas mostrou-se relevante, ainda que seja evidente a diferença da natureza de cada uma delas: uma foi realizada com a totalidade do corpo docente de uma instituição, outra com uma pequena amostra de um conjunto diverso de instituições; uma foi realizada por meio de entrevistas face a face durante as quais foi possível fazer novas perguntas, buscar esclarecimentos, enquanto a outra se deu por meio de questionários respondidos à distância e sem a possibilidade de se questionar o entrevistado quanto às respostas dadas no caso de dúvidas.

Contudo, mais do que a comparação, o presente artigo buscou problematizar o resultado mais evidente das duas pesquisas, a questão da diversidade, explorando a riqueza das justificativas dadas pelos professores. Os vários argumentos utilizados para caracterizar a CI de uma ou de outra forma possuem potencial para fazer avançar a reflexão sobre o que é, de fato, a CI. Algumas caracterizações (a CI é interdisciplinar, a CI é pós-moderna) são “lançadas” em certos momentos, muitas vezes apropriadas por alguns de determinada forma, rejeitadas por outros, ou mesmo desconsideradas pelos demais.

Nesse sentido é que se concebeu, desde o início, a proposta de realização desta pesquisa: ver o que, na prática, no seu fazer cotidiano, os pesquisadores da área de CI pensam sobre sua própria área. Seguindo a linha dos estudos contemporâneos sobre a ciência, as duas pesquisas propostas buscaram proporcionar aos alunos da disciplina de Teorias da Informação um trabalho em que as caracterizações sobre a área fossem buscadas não em livros textos, manuais e tratados que “ditassem” o que a área é, mas sim no discurso e no fazer de seus praticantes, os pesquisadores e professores da área de CI.

Dessa forma, portanto, um dos resultados verificados é que o “quadro” do que é a CI proporcionado pela disciplina mostrou-se muito mais rico do que poderia ter sido caso todo o conteúdo trabalhado viesse de textos previamente selecionados pelo professor. A partir de então, vários achados das duas pesquisas passaram a ser incorporados ao programa da disciplina de Teorias da Informação, enriquecendo o programa da disciplina.

Referências

- ALFONSO-GOLDFARB, Ana M. **O que é história da ciência**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- ALVES, Rubem. **Filosofia da ciência**: introdução ao jogo e suas regras. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- ARAÚJO, Carlos Alberto. A ciência da informação como ciência social. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 3, p. 21-27, set./dez. 2003.
- BAUDRILLARD, Jean. Vida eterna e imortalidade. In: MORIN, E. et al. **A decadência do futuro e a construção do presente**. Florianópolis: Ed. UFSC, 1993.
- CAPURRO, Rafael. Epistemologia e ciência da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação e Biblioteconomia, 2003. 1 CD-ROM.
- CARDOSO, Ana Maria Pereira. Pós-Modernidade e informação: conceitos complementares? **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 63-79, jan./jul. 1996.
- DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1989.

- DIAS, Eduardo. Biblioteconomia e ciência da informação: natureza e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 5, n. especial, p. 11-15, jan./jun. 2000.
- DOMINGUES, Ivan. **Conhecimento e transdisciplinaridade**. Belo Horizonte: Ed. UFMG/IEAT, 2001.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Edusp, 1991.
- GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Metodologia de pesquisa no campo da Ciência da Informação. **DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação**, v.1, n.6, dez. 2000.
- GRESSLER, Lori. **Introdução à pesquisa: projetos e relatórios**. São Paulo: Loyola, 2003.
- HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1994.
- JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- LALLEMENT, Michel. **História das idéias sociológicas**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.
- MAFFESOLI, Michel. **A conquista do presente**. São Paulo: Rocco, 1984.
- MIKSA, Francis. Library and information science: two paradigms. In: VAKKARI, P.; CRONIN, B. (eds). **Conceptions of library and information science: historical, empirical and theoretical perspectives**. Londres, Los Angeles: Taylor Graham, 1992, p. 229-252.
- MINAYO, Maria Cecília. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2004.
- NORONHA, Daisy; FUJINO, Asa. Teses e dissertações em ciência da informação: a multidisciplinaridade não revelada na avaliação da produção científica. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 7., 2006, Marília. **Anais...** Marília: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2006. 1 CD-ROM.
- OLIVEIRA, Marlene (Org.). **Ciência da informação e biblioteconomia: novos conteúdos e espaços de atuação**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.
- OMNÈS, Roland. **Filosofia da ciência contemporânea**. São Paulo: Unesp, 1996.
- ROBREDO, Jaime. **Da ciência da informação revisitada aos sistemas humanos de informação**. Brasília: Thesaurus; SSR Information, 2003.
- ROSSI, Paolo. **O nascimento da ciência moderna na Europa**. Bauru: Edusc, 2001.
- SANTOS, Boaventura. **Um discurso sobre as ciências**. Porto: Afrontamento, 1996.
- SARACEVIC, Tefko. Ciência da informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun. 1996.
- SILVA, Armando; RIBEIRO, Fernanda. **Das "ciências" documentais à ciência da informação**. Porto: Afrontamento, 2002.
- SILVA, Evando M.P. Os caminhos da transdisciplinaridade. In: DOMINGUES, Ivan (org). **Conhecimento e transdisciplinaridade**. Belo Horizonte: Ed. UFMG/IEAT, 2001, p. 35-44.

SILVA, Junia. Ciência da informação: uma ciência do paradigma emergente. In: PINHEIRO, L.V. (org). **Ciência da informação, ciências sociais e interdisciplinaridade**. Rio de Janeiro: Ibict, 1999.

WERSIG, Gernot. Information science: the study of postmodern knowledge usage. **Information processing & management**. v. 29, n. 02, march 1993, p. 229-239.